

## Expansão do país não impede fluxo migratório

■ Apesar do forte crescimento da economia, brasileiros ainda buscam uma vida melhor no exterior. Estima-se em 3 milhões o número de brasileiros que vivem em outros países, alheios aos recordes de emprego e aumento da renda. **Página 18**

## TRABALHO

# Crescimento econômico não impede “fuga” de brasileiros

Brasil vive o melhor momento em décadas e outros países seguem mergulhados na crise. Mas milhares de pessoas ainda preferem tentar a vida no exterior

## BRASÍLIA E LONDRES

Agência O Globo

■ O forte crescimento da economia brasileira em níveis que não se veem desde 1986 não tem sido suficiente para conter o impulso emigratório. Brasileiros continuam buscando uma vida melhor no exterior, ainda que isso envolva arriscar a própria vida para cruzar a fronteira entre o México e os Estados Unidos, como aconteceu com dois mineiros e dois paraenses mortos em chacina com outros 68 imigrantes latinos em agosto. Veem lá fora — em países que ainda não se recupera-

ram da crise — oportunidades mais consistentes de ganhar melhor e ter mais acesso a bens e serviços de qualidade. Muitos acabam se dando mal.

Entre 2001 e 2009, a diferença entre quem saiu e voltou ao país está em mais de meio milhão de brasileiros. Embora não existam dados oficiais consolidados, estima-se em cerca de três milhões o número de brasileiros que vivem, hoje, no exterior. Trata-se do equivalente à população de Brasília.

Especialistas garantem que uma camada grande da população ainda estaria imune à bonança econômica recente e seus recordes de novos postos de trabalho e aumento real da renda. Órfãos do crescimento econômico, dois milhões de desempregados remanescentes e a chamada classe média baixa não teriam tido acesso aos efeitos da nova euforia. Querem ascensão social ou a manutenção do padrão de vida que consideram básico.

O quadro atual é muito diferente da década de 1980, quando uma geração de brasileiros mudou-se para o exterior para fugir das sucessivas crises econômicas. Mesmo assim, o novo cenário ainda não é capaz de manter essa

massa de pessoas aqui dentro.

“Meu marido, mãe e padrasto foram na frente, há dois meses. Meu marido trabalha em obra, minha mãe é babá e meu padrasto, mecânico. Mesmo com o dólar ruim e a crise, a vida ainda é bem melhor do que aqui. Por mais que não tenham luxo, estão vivendo melhor”, diz Kelly S., de 25 anos, que está prestes a deixar o interior de Goiás e a faculdade para partir com a filha rumo aos EUA, ainda sem emprego em vista.

As oportunidades geradas com a expansão, segundo Victor Klagsbrunn, especialista em migração da UFRJ, têm sido mais importantes tanto para os mais qualificados quanto para os menos qualificados, deixando uma camada intermediária, e importante, de fora. “São essas pessoas que buscam no exterior uma forma de ascensão social. Antes um diploma poderia permitir isso no Brasil. Agora, não mais”, afirma o professor. “A classe média baixa não tem a quem pedir quando tem dificuldade financeira, não é como a classe média, que sempre tem alguém da família”, diz a analista Sílvia Dantas, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

A turbulência financeira que atingiu sobretudo os países mais ricos fez muita gente voltar em 2009, mas, aos poucos, o movimento de saída está sendo retomado. E, apesar da crise global, de 2001 até o ano passado, o saldo entre quem entra e quem sai ainda aponta a saída de 541.487 brasileiros para América do Norte, do Sul e Central, além de Europa e Ásia, segundo Klagsbrunn.

Estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que, enquanto 53% dos brasileiros residentes nos EUA ganham mais de US\$ 30 mil anuais, entre os brasileiros que moram na terra natal, apenas 7,67% figuram nessa seleta faixa de renda, considerando a taxa de câmbio atual e os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2009.

O fluxo de brasileiros para o exterior não está restrito aos países ricos. A Guiana Francesa atrai gente do Norte do país, sobretudo do Amapá, que quer ganhar o salário mínimo francês, de 1,2 mil euros. Dados do Banco Central (BC) mostram que, em 2008, as remessas de brasileiros no exterior atingiram US\$ 2,9 bilhões, caindo para US\$ 2,2 bilhões em 2009. Até agosto deste ano, o montante somou US\$ 1,48 bilhão, valor 1,3% superior ao de igual período de 2009, mostrando o início da recuperação.

**“Você quer um um carro decente na garagem, a casa própria e dinheiro para bancar os estudos dos filhos. Quando você sai e vê que qualquer um tem acesso a um conforto mínimo e tranquilidade lá fora, você vê que o seu país não dá motivos para ficar.”**

**Rodrigo A.**, que voltou do Japão com a mulher no ano passado, após 14 anos, devido à crise global.

## 53% dos brasileiros

que moram nos EUA ganham mais de US\$ 30 mil por ano, segundo estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). No Brasil, menos de 8% das pessoas estão nessa faixa de renda, considerando a taxa de câmbio atual.

## INTERATIVIDADE

O que o Brasil deveria fazer para conter a “fuga” de trabalhadores, inclusive qualificados, para outros países?

Escreva para

[leitor@gazetadopovo.com.br](mailto:leitor@gazetadopovo.com.br)

As cartas selecionadas serão publicadas na Coluna do Leitor.

**“A classe média baixa não tem a quem pedir quando tem dificuldade financeira, não é como a classe média, que sempre tem alguém da família.”**

**Sylvia Dantas**, professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

## AVENTURA FRUSTRADA

# “Vida no exterior só vale a pena por trabalho melhor”

### FOZ DO IGUAÇU

*Fabiula Wurmeister, da sucursal*

Os três meses que passou na Espanha, trabalhando em um restaurante próximo a Barcelona nos finais de semana, fizeram com que Cléverson Jiacomin de Oliveira passasse a valorizar ainda mais o Brasil. “Aqui existem muitas oportunidades para quem quer vencer na vida, basta querer abraçá-las”, avalia ele, que tem 28 anos e hoje é executivo de contas da TAM Viagens, em Foz do Iguaçu. Para Oliveira, tentar a vida no exterior só vale a pena se tiver uma proposta de trabalho melhor, longe da aventura de deixar o país “para ver no que dá”.

Antes de embarcar para a Europa conta que não sabia ao certo o que poderia encontrar ou que dificuldades poderia ter. “Levei uma quantia em dinheiro para me manter por um tempo. Logo que cheguei, fui me informando e cheguei a distribuir mais de cem currículos em

bares e restaurantes. O que apareceu foram apenas os serviços que o europeu não quer mais fazer, como lavar pratos e limpar o chão.”

O primeiro emprego, em um restaurante chinês, durou apenas um dia. O segundo, como vendedor de alarmes residenciais, também. Abordado pela polícia, desistiu, e resolveu “dar um tempo e conhecer a cidade”. Quando completou dois meses em terras estrangeiras, surgiu uma vaga em outro restaurante, na praia. Lavando pratos e panelas, recebia entre 30 e 35 euros por dia nos finais de semana.

“Pensava que na Europa poderia conseguir algo mais rápido que aqui, mas para os estrangeiros não é bem assim. Como a maioria é ilegal, muitos empregadores se recusam a dar emprego”, explica. “Só volto como brasileiro que tem algo a oferecer aos europeus em uma área que eles ainda não dominam, tendo assim meu trabalho valorizado.”

## BUSCA POR CONHECIMENTO

# Após breve passagem, químico não descarta voltar ao Japão

### PONTA GROSSA

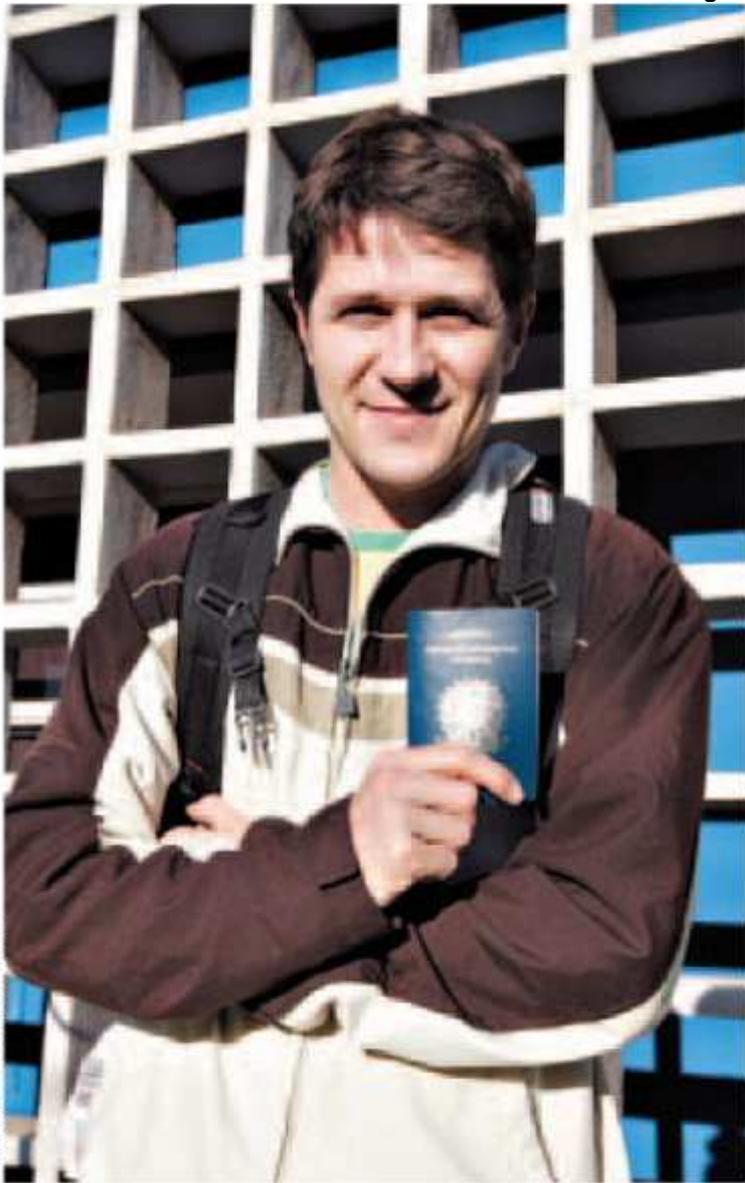
*Maria Gizele da Silva, da sucursal*

Quinze anos depois de ter estado no Japão, o químico Edson Assano voltou ao país asiático no fim de 2009 por um período de dois meses, para realizar um treinamento técnico a pedido da empresa em que trabalha. Assano, que hoje mora em Ponta Grossa, nos Campos Gerais, viu diferenças. “Hoje não é mais aquela maravilha. Antigamente um operário no Japão ganhava o equivalente a um gerente no Brasil. Mas, com a diferença de câmbio, mudou muita coisa”, considera. O químico, que exerce cargo de chefia, voltaria ao Japão se houvesse oportunidade. “Sou o primeiro da lista”, brinca.

Assano, 41 anos, trabalha no departamento técnico da fábrica da Harima do Brasil, uma multinacional que atua no ramo de produtos químicos. A matriz fica no Japão. Em 1995, quando era recém-formado no curso de Química

na Universidade de Campinas (Unicamp), ele apostou no intercâmbio de um programa ofertado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e ficou dez meses estudando no Japão. A temporada de estudos o fez aprimorar a língua japonesa, o que lhe ajudou numa entrevista de emprego no retorno ao Brasil, quando terminou o prazo do intercâmbio.

O químico conseguiu emprego numa multinacional no interior de São Paulo e a sua função era de intermediar as negociações entre os diretores brasileiros e os japoneses do grupo. Hoje, na atual empresa, o fato de falar fluentemente o japonês pode facilitar novos treinamentos ou, quem sabe, viabilizar uma vaga definitiva na matriz. “Minha experiência no Japão foi muito importante pela busca do conhecimento, muita gente vai para fora do país em busca de emprego, mas eu acho que o conhecimento é muito importante.”



Cristian Rizzil/Gazeta do Povo

Oliveira não aconselha ir ao exterior "para ver no que dá".



Henry Millán/Gazeta do Povo

Assano: "Muitos buscam emprego, mas conhecimento é importante".